

Missão Arqueológica no Chade (África Central)

Campanha de 2023

Miguel Serra ¹ e João Barreira ²

INTRODUÇÃO

A assinatura de um acordo de cooperação científica entre o Centro Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNRD) - Chade e o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), a 21 de Dezembro de 2022, constituiu o primeiro passo para o desenvolvimento de um programa para a investigação arqueológica, proteção e divulgação da Cultura Sao, a concretizar através de uma missão no terreno na República do Chade (Fig. 1).

Na sequência deste acordo e no âmbito da parceria entre o CEAUP e o Instituto de Estudos Africanos de Moscovo, acresceu-se a integração na equipa científica de elementos do Instituto de Arqueologia da Academia Russa de Ciências (IARAS). Também integraram os trabalhos de campo elementos do Museu Nacional do Chade e das Universidades de Doba e Sarkh (Chade).

A missão criada possuía um âmbito de atuação mais vasto, que incluía também a realização de investigação histórica nos Arquivos Nacionais do Chade e de etnobotânica comparada entre os ambientes do Sael e tropicais.

No entanto, o presente artigo centra atenções na missão arqueológica desenvolvida ao abrigo do referido programa de cooperação, com destaque para os seus objetivos e a síntese dos principais resultados e ações, constituindo-se como uma primeira notícia de divulgação sobre os trabalhos realizados.

Os trabalhos arqueológicos incidiram em dois sítios da Cultura Sao, previamente selecionados entre um levantamento, de quase uma centena e meia de sítios, elaborado pelos técnicos do CNRD em 2021 (CNRD, 2021) (Fig. 2).

Os sítios de Toukra Dassa 1 e 2 foram deste modo escolhidos para a realização de intervenções de salvaguarda devido às ameaças de destruição relativas à exploração de terras para fabrico de tijolos na construção tradicional, à construção de habitações e ações pontuais de saque e vandalismo.

RESUMO

No âmbito de uma expedição internacional, liderada pelo Centro Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (Chade) e pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, realizaram-se trabalhos arqueológicos nas proximidades de N'Djaména, capital da República do Chade, na África Central, em fevereiro de 2023. A região estudada foi ocupada pelos Sao, um povo lendário que dominou o Sul do Chade e o Leste dos Camarões e da Nigéria entre o século VI a.C. e o século XVI. Estes trabalhos permitiram desenvolver a formação de agentes locais e contribuir para o aprofundar do conhecimento sobre as fases de ocupação dos sítios estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; Formação; Património; África; Cultura Sao.

ABSTRACT

Archaeological works were carried out near N'Djaména, capital city of the Republic of Chad, in Central Africa, in February 2023, within an international expedition led by the National Research and Development Centre (Chad) and the African Studies Centre of the University of Porto. The region under study was occupied by the Sao, a legendary people who dominated the South of Chad and the East of the Cameroon and Nigeria between the 6th century BC and the 16th century. The works allowed the training of local agents and contributed to a deeper knowledge about the studied sites' occupation stages.

KEY WORDS: Archaeology; Training; Heritage; Africa; Sao culture.

RÉSUMÉ

Dans le cadre d'une expédition internationale commandée par le Centre International de Recherche et Développement (Tchad) et par le Centre d'Etudes Africaines de l'Université de Porto, ont été réalisés des travaux archéologiques dans les environs de N'Djaména, capitale de la République du Tchad, Afrique Centrale, en février 2023. La région étudiée a été occupée par les Sao, un peuple légendaire qui a dominé le sud du Tchad et l'est du Cameroun et du Nigéria entre le VI siècle av. J.-C. et le XVIème siècle. Ces travaux ont permis de développer la formation d'agents locaux et de contribuer à approfondir la connaissance des phases d'occupation des sites étudiés.

MOTS CLÉS: Archéologie; Formation; Patrimoine; Afrique; Culture des Sao.

¹ Arqueólogo. Divisão de Cultura e Património da Câmara Municipal de Serpa. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (miguel.antonio.serra@gmail.com).

² Arqueólogo. O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (joambarreira@gmail.com).

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

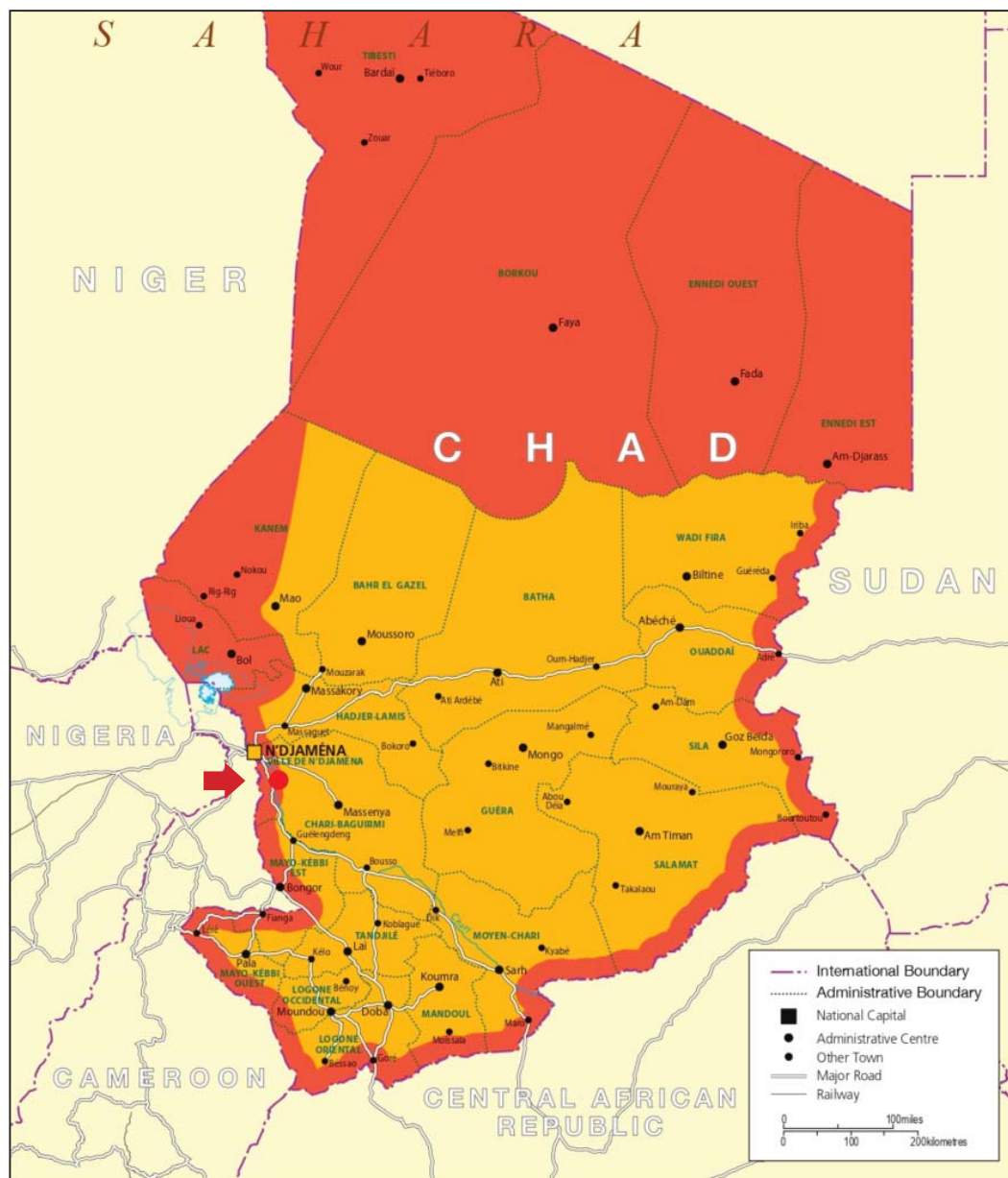


FIG. 1 – República do Chade e localização da área de intervenção.

As reuniões preparatórias serviram ainda para definir os objetivos da missão e as atividades a realizar durante a estadia da equipa internacional.

Sob a designação “Registar para proteger a Cultura Sao”, o projeto tinha como principal objetivo a criação de um *website* para inventário, descrição e divulgação dos sítios arqueológicos relativos à Cultura Sao, a desenvolver em duas missões repartidas entre 2023 e 2024, que incluíam trabalhos de campo, nomeadamente escavações arqueológicas e prospeções, e de gabinete, que iriam incidir na organização de reservas arqueológicas. De modo complementar as estas ações estavam previstas ações de formação em diversas disciplinas (técnicas de escavação e registo, antropologia física, arqueobotânica, fotogrametria, educação patrimonial, entre outras), destinadas aos parceiros locais. Outro objetivo consistia na publicação de um artigo coletivo com os resultados obtidos.

As condições aferidas no terreno condicionaram a concretização de todas as atividades inicialmente programadas, centrando-se a missão na realização dos trabalhos de escavação arqueológica e ações de formação no terreno em contexto de trabalho.

A CULTURA SAO: BREVE CARATERIZAÇÃO

O conhecimento sobre as origens, evolução e definição da Cultura Sao é ainda constituído por inúmeras lacunas, sobretudo pelas dificuldades de atribuição cronológica e definição de distintas fases.

Genericamente, considera-se que esta cultura se desenvolveu na África Central, ao longo do rio Chari, a Sul do Lago Chade, abrangendo países atuais como o Chade, os Camarões e uma pequena área da Nigéria (CHAPPELLE, 1992: 16).

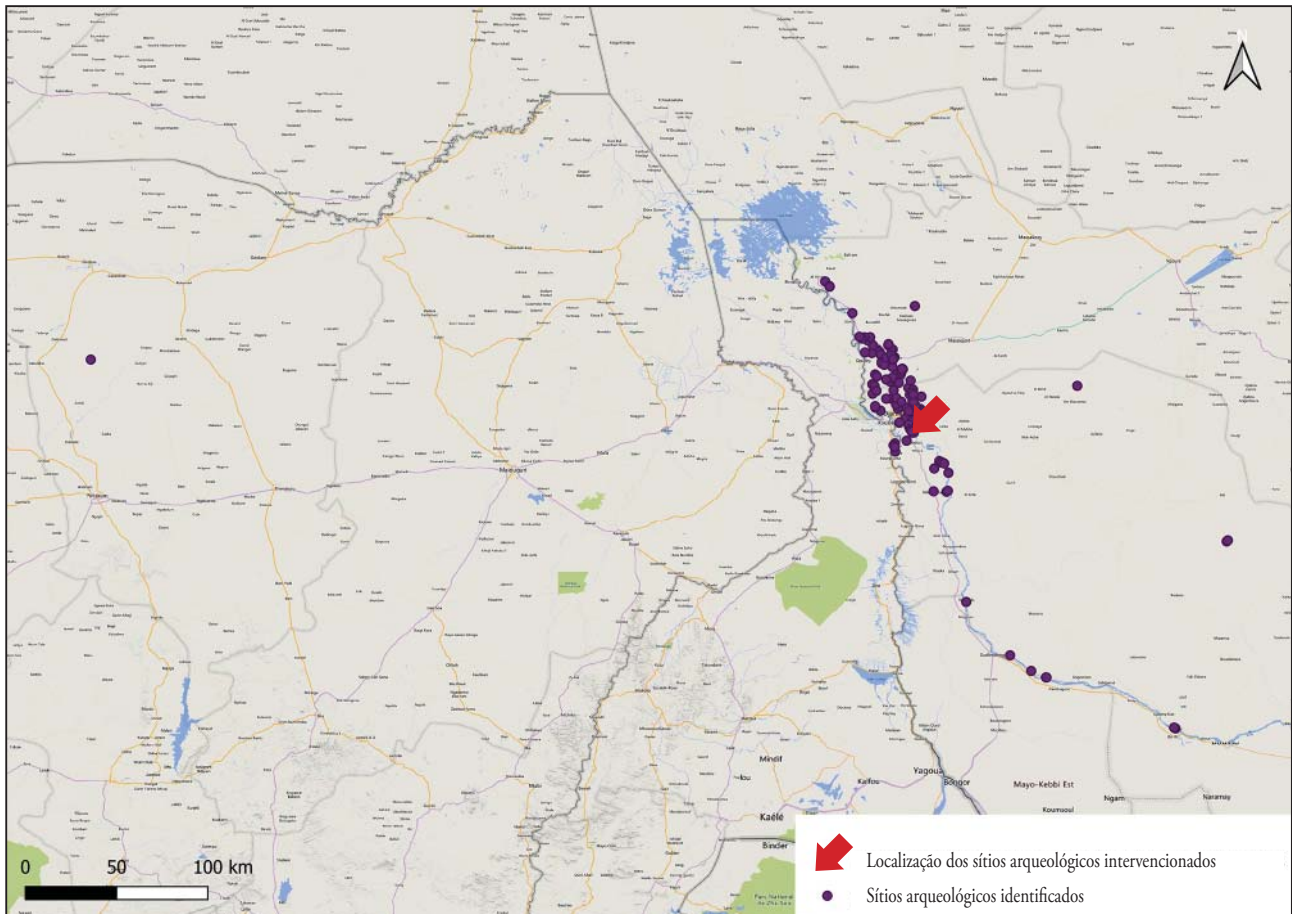


FIG. 2 – Distribuição de sítios arqueológicos Sao ao longo do Rio Chari (Chade).

As suas origens são definidas por mitos mantidos por populações atuais, como os Kotoko, que se assumem como descendentes dos míticos Sao (BOULNOIS, 1986: 44), um povo de gigantes dotados de força prodigiosa, mas também artistas que dominavam a arte da escultura em terracota e a produção oleira ou a metalurgia do ferro, e que terão sido os primeiros habitantes da bacia do Lago Chade (GRIAULE, 1943). São referidos pela primeira vez em crónicas árabes, durante o século XVI, momento coincidente com o seu declínio e desaparecimento, após a conquista da região por novos colonizadores vindos do Norte. Estas descrições referem os Sao como um povo com uma estrutura hierárquica claramente definida, sugerindo-se inclusivamente uma organização de tipo cidades-estado, com referência à existência de pequenas cidades rodeadas por fossos e rampas de terra (LEBEUF, 1962). No entanto, os trabalhos científicos conduzidos ao longo dos séculos XX e XXI sobre os Sao revelam que estes seriam na realidade constituídos por um conjunto de populações que partilhavam certos traços comuns a nível cultural, social e fisionómico, e repartiam o espaço geográfico.

É em volta do Lago Chade que os Sao desenvolvem a sua cultura comum, situação potenciada pelas condições favoráveis da zona, quer pela abundância de água, clima mais ameno ou existência de pastagens para os animais, que permitem a possibilidade de desenvolvimento de certas atividades cruciais, como a agricultura e a pesca.

Apesar da incerteza das origens dos Sao, que alguns autores remontam ao século VI a.C. (WENTE-LUCAS, 1977), estas populações vão instalar-se ao longo do Lago Chade e dos principais rios da região, como o Chari e o Logone, e será sobretudo a partir do século IX que exercem um maior controlo e hegemonia sobre as margens do Lago Chade. Os sítios Sao podem distribuir-se em várias categorias que demonstram uma sociedade complexa e hierárquica, com cidades fortificadas rodeadas por muralhas de terra; sítios de menor dimensão, com grandes concentrações de cerâmica e pavimentos de argila, situados, quer em zonas planas, quer em pequenas colinas; necrópoles presentes em zonas habitadas, mas também possíveis “santuários”, que revelam grande densidade de enterramentos (CNRD, 2021).

Invariavelmente, a maior parte dos sítios revela grandes quantidades de cerâmicas e frequentes fornos em argila, pavimentos cerâmicos relacionados com as habitações, das quais subsiste grande desconhecimento das suas plantas por dificuldades de preservação das estruturas em terra, instrumentos líticos que podem ir desde projéteis, machados ou mós, faunas, maioritariamente de peixe, escórias de ferro, adornos em materiais diversos e esculturas zoomórficas e antropomórficas em argila.

Apesar da riqueza arqueológica do Chade e, em particular, no que se refere aos sítios arqueológicos da Cultura Sao, são muitas as ameaças que criam sérios riscos de destruição e desaparecimento deste património. As situações mais frequentes reportam-se ao vandalismo por parte das comunidades locais, as afetações provocadas por explorações agrícolas, construção de habitações ou expansão urbana, esta última com especial incidência na envolvente à capital N'Djaména. A este cenário acresce a falta de meios adequados para uma resposta, quer em termos de proteção dos sítios arqueológicos, quer da capacidade de realizar intervenções de emergência e salvaguarda nos sítios mais ameaçados, que constituem a maioria nos inventários realizados (NOUDJIKO, 2013: 102).

TOUKRA DASSA 1 E 2

Os trabalhos de campo da missão arqueológica do projeto “Registar para proteger a Cultura Sao” dirigiram atenções para dois sítios localizados na região de Toukra, a cerca de 10 km a Sudeste de N'Djaména (Fig. 3).

FIG. 3 – Localização dos sítios arqueológicos Toukra Dassa 1 e 2.



Estes dois sítios arqueológicos haviam sido previamente selecionados pelos técnicos do CNRD pelas ameaças que enfrentavam, para aí se realizarem intervenções cirúrgicas de salvamento, dado o escasso tempo disponível para os trabalhos no terreno.

TOUKRA DASSA 1

O primeiro sítio a ser avaliado pela equipa do projeto, sob a designação Toukra Dassa 1, situa-se no limite Sudeste da província de N'Djaména, com o Rio Chari a correr a cerca a 800 metros para Este.

O sítio é constituído por uma colina artificial, que se eleva em cerca de 3 a 4 m de altura em relação à área circundante, e forma uma área de ocupação estimada em 1,2 hectares (Fig. 4).

Uma parte considerável da colina encontrava-se severamente afetada por zonas de extração de argila, utilizada pelas populações locais na produção de tijolos e adobes.

A prospeção inicial permitiu verificar a presença superficial de vasta quantidade de material cerâmico, maioritariamente decorado, e alguns recipientes *in situ*.

Foram marcadas duas sondagens, uma no topo da colina, numa zona que aparentava melhores condições de preservação da sequência estratigráfica do sítio, com 4 x 4 m, enquanto a sondagem 2, com 1 x 1 m, centrou-se num vaso *in situ*.



FIG. 4 – Vista geral de Toukra Dassa 1.

A sondagem 1 foi escavada em unidades artificiais de 20 cm até um metro de profundidade, revelando uma estratigrafia uniforme, correspondendo a uma camada de terra arenosa de tom castanho-claro e pouco compacta, com alguns nódulos argilosos mais densos, que embalava grandes quantidades de material cerâmico e fragmentos de barro cozido (Figs. 5 e 6).

Foram também recolhidos elementos faunísticos, maioritariamente de peixes, e efetuaram-se seis amostras arqueobotânicas para flotação que permitiram a recolha de sementes carbonizadas, que serão analisadas pela equipa do IARAS em Moscovo.

Destacam-se ainda alguns achados particulares, como uma argola de argila, uma figura zoomórfica em terracota e contas de colar em argila.



FIGS. 5 E 6 – Toukra Dassa 1.
Sondagem 1. Fase de escavação
e plano final.

A sondagem 2, localizada a 10,2 m para Este da sondagem 1, foi escavada apenas até 20 cm de profundidade, para permitir recuperar o vaso observável à superfície. O recipiente não se encontrava completo, mas destaca-se pelo tipo de decoração que ocupa a quase totalidade da superfície exterior, situação recorrente na Cultura Sao. O sedimento no interior do vaso revelou grande quantidade de ossos de peixe e foram recolhidas amostras para flotação (Fig. 7).

Os trabalhos foram concluídos sem se atingir o substrato geológico ou um estrato arqueologicamente estéril, devido aos condicionalismos de tempo já referidos, procedendo-se à selagem das sondagens.

Em Toukra Dassa 1 houve ainda lugar à realização de uma seção na zona Nordeste do sítio, que apresentava um corte para extração de argila e onde era possível observar duas unidades distintas e a presença de alguns materiais cerâmicos e faunísticos.

Marcou-se uma seção com dois metros de largura, para regularização e limpeza de um perfil com 1,3 m de profundidade, onde foi possível recolher mais algumas amostras arqueobotânicas (Fig. 8).



FIGS. 7 E 8 – Toukra Dassa 1.
Sondagem 2. Vaso *in situ*
e secção 1.

TOUKRA DASSA 2

Após a conclusão dos trabalhos em Toukra Dassa 1, a equipa deslocou-se para o segundo sítio identificado para avaliação arqueológica, Toukra Dassa 2, situado a cerca de 890 m para Este.

O sítio implanta-se numa plataforma plana de formato oval, a pouco mais de 120 m do rio Chari. Apesar da curta distância entre ambos, Toukra Dassa 2 localiza-se na província de Chari Baguirmi, departamento de Chari, uma vasta região que se estende para Sudeste até à faixa tropical do país.

Toukra Dassa 2 encontra-se pontualmente ocupada por casario disperso, tornando difícil estabelecer os seus limites reais. Considerou-se, no entanto, a possibilidade de ocupar uma área de cerca de 3,2 hectares, com base na análise de fotografias de satélite e pela dispersão de materiais à superfície. A zona Nordeste do sítio situa-se no leito de cheia do rio Chari, que em época seca recua várias dezenas de metros (Fig. 9).

À superfície abundavam vestígios de fragmentos cerâmicos, sobretudo decorados, concentrações de barro cozido e fragmentos de tijolos que poderiam corresponder a pisos de habitações e fornos. Foram ainda detetados 11 vasos *in situ* em posição vertical, com ablação do topo (Fig. 10).

As sondagens foram diretamente implantadas sobre os vestígios de recipientes *in situ*. A sondagem 1, com 3 x 2 m, abarcava dois vasos *in situ* e uma zona com barro queimado. Apenas se escavou a metade Sul (2 x 1,5 m), onde se localizavam os vasos, através de níveis artificiais de 10 cm, até 30 cm de profundidade. Foram recolhidos os dois vasos, que se encontravam depositados sobre o bordo, faltando os fundos, que foram cortados com a ablação da superfície do terreno. Recuperou-se ainda uma pequena quantidade de outros fragmentos cerâmicos, ossos de mamíferos e de peixes (Fig. 11).



FIGS. 9 E 10 – Toukra Dassa 2.
Vista geral e vaso *in situ* na Sondagem 1.



FIG. 11 – Toukra Dassa 2.
Sondagem 1. Vasos *in situ*.



A sondagem 2, localizada a cinco metros para Noroeste da sondagem 1, implantou-se sobre outro vaso cortado, numa área de 1 x 1 m. A escavação desta sondagem permitiu verificar que o vaso correspondia a um recipiente colocado sobre um forno em argila, que ainda se encontrava preservado numa altura de 10 a 15 cm e possuía um formato alongado, rematado numa zona mais ovalada (Fig. 12).

O interior do pequeno forno, possivelmente culinário, continha fragmentos cerâmicos e carvões que foram recolhidos para análise e para datação por radiocarbono.

Foram escavados níveis artificiais de 10 cm, até 50 cm de profundidade, nível correspondente à base do forno.

À semelhança da sondagem 1, também se recolheram alguns fragmentos cerâmicos, faunas e amostras arqueobotânicas.

A identificação de outros dois vasos *in situ*, um sobre o outro, junto ao limite Sul da sondagem, levou ao seu alargamento em 1,5 por 1,2 m no canto Sul (Fig. 13). De igual forma, foram escavadas cinco unidades artificiais com 10 cm de profundidade, que revelaram uma única camada de areia siltosa com alguma compactação e de cor castanho-clara.

Verificou-se que o vaso observável à superfície foi colocado de forma invertida sobre um outro mais completo que se encontrava preservado até aos 50 cm de profundidade.

O vaso inferior estava assente sobre um forno em argila, com paredes conservadas até 20 cm de altura, mas muito destruído, dificultando a reconstituição da sua forma completa. Também foram recolhidos carvões na base do forno. Apresentava-se muito fragmentado, apesar de *in situ*, pelo que se optou por remover todos os fragmentos e recolher o sedimento interior num bloco compacto para escavação em gabinete (Fig. 14).

Na sondagem foi ainda recolhido um fragmento de um pé cerâmico, de forma cônica, decorado com motivos ondulados, similares a outros bem documentados na Cultura Sao.

Após a finalização dos trabalhos, procedeu-se também em Toukra Dassa 2 à selagem das sondagens.



FIGS. 12 A 14 – Toukra Dassa 2. Sondagem 2. Forno em barro cozido com fragmentos cerâmicos, alargamento da área em escavação e urna funerária.

Os trabalhos prosseguiram nas instalações do CNRD, com o tratamento de materiais, registos fotogramétricos, flotações e a escavação do conteúdo do recipiente da sondagem 2 de Toukra Dassa 2, que revelou uma grande surpresa. Tratava-se afinal de uma urna, de um tipo de enterramento devidamente documentado em outros sítios Sao, com a urna inferior a receber a inumação e a ser-lhe colocada outra sobre o topo, de forma invertida, para a selar.

No caso de Toukra Dassa 2 a urna continha uma inumação infantil (5 a 9 anos), em posição fetal, acompanhada por seis contas (possivelmente de cornalina). Salienta-se que o indivíduo apenas apresentava o crânio e os ossos longos dos membros superiores e inferiores, tratando-se de um enterramento secundário, que remete para práticas de manipulação de cadáveres, situação que não encontramos referida em publicações sobre as práticas funerárias dos Sao (Fig. 15).

FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Durante os trabalhos arqueológicos não foi possível desenvolver as ações de formação inicialmente previstas, nem conceber um primeiro programa de educação patrimonial, que era outro dos objetivos pretendidos para o desenvolvimento do projeto.

O escasso tempo disponível para os trabalhos de campo (seis dias), levou à necessidade de concentrar esforços nas escavações arqueológicas, a que se sucederam mais três dias de trabalho de gabinete para tratamento de materiais.

Outros condicionalismos, gerados por intermináveis processos burocráticos e falta de autorizações de segurança para circulação, impediram a concretização do plano de formação que consistia em diversas apresentações em contexto de sala sobre técnicas e métodos de escavação e de registo, com particular destaque para a formação teórico-prática em fotogrametria, bem como nas várias especialidades em arqueociências, como arqueometria sobre cerâmicas, arqueobotânica e antropologia física.

As difíceis condições, quer de acesso aos locais, quer nos próprios sítios arqueológicos, e a falta de uma logística adequada, constituíram outra limitação ao desenvolvimento deste tipo de ações.

No entanto, procurou-se ultrapassar estes obstáculos através de ações permanentes em contexto de trabalho de campo, especificamente dirigidas para os técnicos e estudantes locais, nomeadamente sobre métodos de escavação, topografia, registo gráfico e fotogramétrico, numa tentativa de envolvimento da generalidade dos membros da equipa em todos os processos de trabalho.



FIG. 15 – Enterramento infantil com contas de colar.

Pretendia-se também desenvolver algumas iniciativas de envolvimento das comunidades locais, através da educação patrimonial, mas mais uma vez as limitações referidas condicionaram em muito este objetivo. A inexistência de um trabalho prévio junto das comunidades locais, a ser efetuado pelos elementos do CNRD, levou a algumas reações negativas e de rejeição por parte da comunidade local, bem como de alguma desconfiança sobre a natureza dos trabalhos arqueológicos, difícil de contradizer face à presença de guardas armados para proteção dos elementos da equipa.

Apesar do cenário descrito, verificou-se uma curiosidade constante pelos trabalhos em curso, sobretudo por parte da comunidade escolar que sistematicamente se aproximava dos locais de escavação após as aulas, mantendo-se no local de escavação até à partida da equipa (Fig. 16).

Esta presença regular serviu de mote para fomentar junto dos parceiros chadianos a necessidade de desenvolver um trabalho de proximidade com as comunidades locais, para sensibilização na proteção do património e divulgação do património arqueológico associado à Cultura Sao. Desta forma conseguiu-se que, cada vez que grupos de jovens estudantes se reuniam em volta dos locais de escavação, um dos elementos chadianos encetasse contacto para explicar a natureza dos trabalhos. Estes breves contactos serviam para desmistificar a crença na busca de tesouros e explicar o contexto dos trabalhos em curso e algumas situações de pormenor, que permitiram inclusivamente algumas situações de colaboração entre os elementos da comunidade local e a equipa de trabalho.

Apesar dos impedimentos na concretização total dos objetivos de formação e de educação patrimonial, o contacto com a realidade dos contextos de intervenção serviu para definir formas futuras de desenvolver estas ações, a concretizar possivelmente na missão prevista para 2024.



FIG. 16 – Visita às escavações pela comunidade escolar em Toukra Dassa 2.

NOTAS FINAIS

A primeira missão arqueológica do projeto “Registar para proteger a Cultura São” no Chade serviu para avaliar as condições de desenvolvimento de trabalhos futuros e fortalecer a cooperação entre a rede de parceiros envolvidos.

No que diz respeito aos resultados obtidos com as intervenções no terreno, estes são naturalmente escassos, face ao pouco tempo disponível e às dificuldades burocráticas e logísticas, mas permitiram uma clara avaliação das condições de trabalho e da natureza dos vestígios a intervir, bem como uma melhor compreensão sobre a cultura material e a tipologia dos sítios Sao. No entanto, as intervenções realizadas poderão em breve dar importantes contributos para o aprofundamento dos estudos arqueológicos sobre a Cultura Sao, face aos dados analíticos que se esperam obter com os trabalhos de laboratório, nomeadamente a obtenção de datações por radiocarbono, que podem permitir suprimir uma das maiores lacunas no estudo destas comunidades. Os dados referentes à arqueobotânica poderão também clarificar alguns aspetos relacionados com as práticas agrícolas, também escassamente documentadas. A continuidade da investigação de gabinete e a prossecução dos trabalhos em 2024 serão indispensáveis para a criação de um impacto mais significativo no conhecimento e divulgação sobre a Cultura Sao. 🦜

BIBLIOGRAFIA

- BOULNOIS, Jean (1943) – “La migration des Sao au Tchad”. *Bulletin de l’Institut Fondamental d’Afrique Noire*. Paris. 5: 80-121.
- CHAPPELLE, Jean (1992) – *Les arts Sao*. Paris: Delroisse.
- CNRD - Centre National de Recherche por le Développement (2021) – *Inventaire et cartographie des sites Sao dans les trois provinces: N’Djaména, Hadjer-Lamis et Chari Baguirmi (rive droite)*. *Rapport*. Ministère de l’Enseignement Supérieur, de la Recherche Scientifique et de l’Innovation; CNRD.
- GRIAULE, Marcel (1943) – *Les Sao légendaires*. Paris: Gallimard.
- LEBEUF, Jean-Paul (1962) – *Archéologie tchadienne: les Sao du Cameroun et du Tchad*. Paris: Hermann.
- NOUDJIKO, Hamdji (2013) – “Archéologie au Tchad: état de lieu et perspectives”. *Africana Studia*. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 20: 101-103.
- WENTE-LUKAS, Renate (1977) – “Fer et forgeron au sud du lac Tchad (Cameroun, Nigeria)”. *Journal des Africanistes*. Paris: Société des Africanistes. 47 (2): 107-122. Disponível em <https://tinyurl.com/3wfk287> (acessível em 2023-06-14).